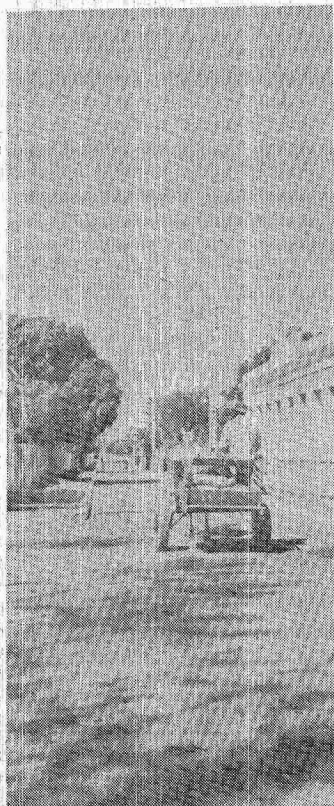
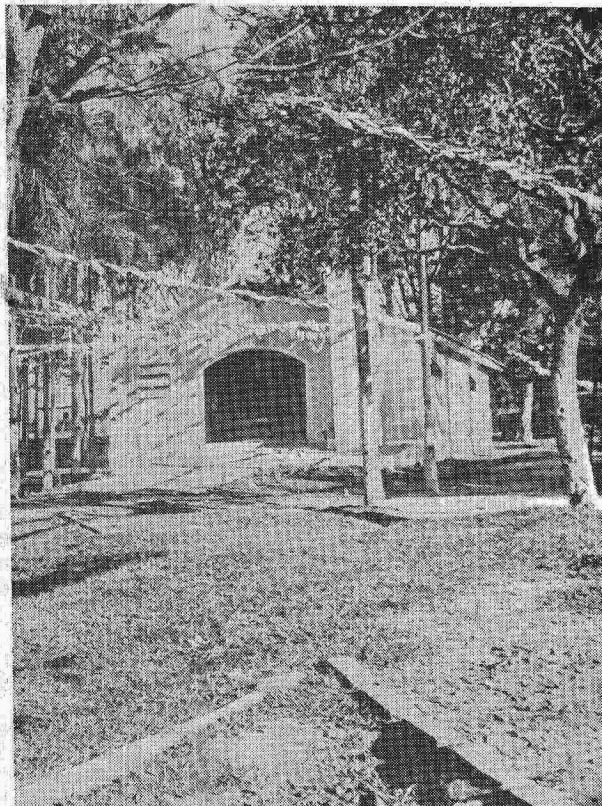




O Núcleo Bandeirante ...



... Planaltina, ...



... Acampamento da Metropolitana,



... e a escola "Júlia Kubitschek", no tombamento

TOMBAMENTO DE BRASÍLIA

FORMAÇÃO DE GRUPO DE TRABALHO É O PRIMEIRO PASSO

OMAR ABBUD

Foram submetidos ao Governador Lameison, pela Secretária Eurides Brito, os nomes dos funcionários do Governo do Distrito Federal que, juntamente com técnicos do SPHAN, comporão um grupo de trabalho que estudará o tombamento de Brasília.

Este grupo, do qual participarão técnicos da própria Secretaria de Educação e Cultura, da Secretaria de Governo, da Secretaria de Viação e Obras e do Departamento de Turismo, deverá estar constituído até o final deste mês, segundo desejo expresso da Secretária Eurides Brito e de Aloísio Magalhães, Secretário do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Do ponto de vista da Secretaria de Educação e Cultura, que vincula o tombamento de Brasília ao Projeto Razzes, explicitado no Plano Integrado de Educação e Cultura, há algumas situações prioritárias relacionadas à preservação do patrimônio cultural de Brasília já levantadas.

Entre elas, estão toda a documentação relacionada com o período 57/61, de implantação de Brasília; o Núcleo Bandeirante; a Candangolândia; Vila Metropolitana e a Vila Planalto; a revitalização cultural de Planaltina, com a recuperação de vários pontos históricos; a Capela Nossa Senhora de Fátima, do Plano Piloto; a Escola Júlia Kubitschek; o inventário dos museus públicos; a recuperação do Museu da Cidade; a Antiga Fazenda do Gama e a Usina de Saia Velha.

Ainda dentro das preocupações da Secretaria de Educação e Cultura estão a harmonização da linguagem arquivística do Sistema GDF, a criação de medidas de proteção às características fundamentais do plano urbanístico de Brasília e o levantamento do acervo artís-

tico do Distrito Federal, este já em andamento.

Para Aloísio Magalhães, desde 1975 lidando com o patrimônio histórico e artístico nacional, quando criou o Centro de Referência Cultural aqui em Brasília seja tombada, sem se pensar, contudo, num sentido estático de tombamento.

"Não se pode pensar no tombamento de uma cidade de forma estática. Brasília tem uma dinâmica, uma vida própria, com uma trajetória que é desenhada pelos seus próprios habitantes", afirma o Secretário do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Deste modo, o SPHAN tem substituído o antigo conceito de tombamento por formas mais adequadas de trabalho.

Na opinião de Aloísio Magalhães, há uma divisão de responsabilidades dentro destes novos conceitos. "O melhor guardião do bem cultural é o seu dono e o dono é quem está mais perto dele, quem usufrui do bem e, em contrapartida, cuida dele". Esta tem sido a filosofia do trabalho do SPHAN, que, sem deixar de assumir sua parcela na preservação do patrimônio histórico e artístico, pode administrá-la melhor, com a cooperação dos governos locais e da própria população, como já tem acontecido em muitos casos.

Luis Humberto Pereira, arquiteto, fotógrafo e jornalista, que já trabalhou no Patrimônio Histórico de 1961 a 1975, concorda plenamente com esse princípio. Na sua opinião, não deve haver uma atitude paternalista de preservação dos bens culturais. Para ele, os habitantes devem ser os responsáveis pela preservação da cidade, ao contrário do que acontece hoje, quando a população é quem mais a depreda.

"Chegamos a um extremo

em que a Polícia se torna violadora dessa regra estacionando seus carros na Praça da Igrejinha e na 308 Sul, sobre a calçada, passando, às vezes, por cima de jardins feitos por Burle Marx". Na opinião de Luis Humberto, só uma ação educativa pode resolver a questão.

Este também é o ponto de vista de Aloísio Magalhães. Por essa razão, ele não se preocupa com o que está se perdendo episodicamente em termos de bens culturais. Sua posição é a de que é preciso criar um sistema de reflexão que permita a defesa sistemática e permanente desses bens culturais que são, em última instância, um patrimônio do povo. "Eu não sou bombeiro de ficar apagando incêndios. Me preocupa muito mais em criar condições para que eles não aconteçam", diz Aloísio.

Sobre Brasília, Aloísio Magalhães tem um ponto de vista próprio. "Todos estranham quando se fala em tombar Brasília, uma cidade nova. Acontece que Brasília não é uma cidade nova. José Bonifácio, em 1821, já descrevia como Brasília deveria ser e lhe dava o nome. Nenhuma Constituição brasileira deixou de mencionar Brasília. Contudo, foram necessários 150 anos para que a reflexão conceitual se tornasse realidade, com o gesto de JK, uma resposta a uma demanda comunitária".

Para Luis Humberto, "Brasília é o fato cultural mais importante da História recente do Brasil, um ato de afirmação do fazer brasileiro, que descobriu uma relação de vivência harmônica para uma cidade e por isso precisa, pode e deve ser preservada".

Juntando-se essas duas reflexões, chega-se imediatamente à conclusão da necessidade urgente da preservação da cidade. E, ainda na opinião de Luis Humberto, "não adianta

exarar despachos ou emitir portarias. O que é preciso é mobilizar as inteligências e as sensibilidades da população para que isso aconteça", ao que Aloísio Magalhães acrescenta a necessidade de se auscultar a população e os componentes da vida da cidade, sobre o assunto. Segundo ele, essa deve ser a atitude dos membros do projeto de tombamento da cidade.

Por outro lado, parece bastante claro que o Governo do Distrito Federal está tendo uma atitude extremamente aberta e compreendendo isso, sem se subtrair à sua parcela de responsabilidade, o que leva a crer que finalmente o tombamento de Brasília acontecerá, de maneira correta e irreversível.

Mas como as cidades-satélites estarão incluídas no tombamento de Brasília? Exatamente na medida de sua relação com o Plano Piloto, uma relação que, segundo Aloísio Magalhães é fundamental do ponto de vista cultural. A ligação entre o Plano Piloto e as cidades-satélites, na sua opinião, é uma relação de tensão necessária, de contraposição da ordem cartesiana do Plano à espontaneidade dessas cidades colocadas à sua volta, como que anticorpos.

Para Aloísio, à decisão cartesiana e límpida da Capital, que precisava ser organizada e limpa, era preciso contrapor a espontaneidade e a inventividade brasileiras. Na transposição dessa dialética para o plano social, saudável na sua opinião, é que poderia estar a grande síntese da cultura brasileira, sobre a qual ele prefere não arriscar nenhum palpite.

Deste modo, como o tombamento de Brasília seria projetivo, essa relação de contraposição estaria incluída na própria dinâmica da vida do Distrito Federal, gerando um modo de vida próprio, com a modificação que seus habitantes lhe impuserem.